

A Kénosis de Maria a Mãe de Deus no cântico do *Magnificat*

*The Kenosis of Maria the Mother of God in
the song of the Magnificat*

Márcia Terezinha Cesar Miné Geraldo

Resumo

Neste artigo, nosso objetivo é analisar “o olhar de Deus” no cântico de Maria. No primeiro momento desenvolvemos o aspecto místico teológico do despojamento na kénosis em Maria a Mãe de Deus. Veremos que a condição kenótica de Cristo e, por extensão, em Maria, não é mais do que um preâmbulo para a condição glorificada de ambos. Seguimos para uma reflexão sobre Maria e o canto do Magnificat, e vemos que, em Maria, contempla-se uma nova humanidade no olhar de Deus que, se manifesta sob o olhar da Virgem em Guadalupe. Um olhar de amor porque contempla sem julgar, sem dominar, sem impor, nem cobrar. Olhar criativo porque a transforma e engrandece, Deus fez-se presente na vida de Maria e, iluminada pela luz de seu olhar ela é sustentada pelo calor de Sua Presença. Nossa intenção é apresentar Maria como expressão de uma nova vida que, como a de Jesus e dos cristãos, também passa pelo movimento kenótico do deixar-se despojar que foi experimentado ao longo de toda a sua existência.

Palavras-chave: Maria. Kénosis. Magnificat. Humanidade. Olhar.

Abstract

In this article, our objective is to analyze “the gaze of God” in Mary’s song. In the first moment, we develop the theological mystical aspect of despoiling in kenosis in Mary the Mother of God. We will see that the kenotic condition of Christ and, by extension, of Mary, is nothing more than a preamble to the glorified condition of

both. We continue with a reflection on Mary and the song of the Magnificat, and we see that, in Mary, a new humanity is contemplated in the gaze of God, which is manifested under the gaze of the Virgin in Guadalupe. A look of love because it contemplates without judging, without dominating, without imposing or demanding. A creative gaze because it transforms and enhances her, God made himself present in Mary's life and, illuminated by the light of his gaze, she is sustained by the warmth of His Presence. Our intention is to present Mary as an expression of a new life that, like that of Jesus and the Christians, also passes through the kenotic movement of letting oneself be stripped that was experienced throughout her entire existence.

Keywords: Mary. Kénosis. Magnificat. Humanity. To look.

Introdução

Pretendemos, neste artigo, abordar os aspectos místicos e teológicos *do despojamento*¹ na Kénosis em Maria no canto do *Magnificat*. Os estudos bíblicos e teológicos colocam Maria no seu contexto na Palestina do Século I, em uma cidade pobre, pequena e desprezada pelas grandes potências da época. Na verdade, a vida da jovem de Nazaré não foi marcada por grandes acontecimentos. Ao contrário, foi uma vida simples e dura, no ordinário do cotidiano. A condição kenótica de Cristo e, por extensão, em Maria, não é mais do que um princípio para a condição glorificada de ambos². Acreditamos que este tópico nos permite aprofundar o aspecto místico e teológico do despojamento neste início do século XXI, que nos desafia a uma ação comprometida com a transformação da sociedade a partir da kénosis como paradigma da solidariedade e da inculturação. O cântico do *magnificat* é um hino, um salmo de louvor e a salvação que a Igreja primitiva coloca na boca de Maria, no momento primordial de sua maternidade. Diante do mistério de Deus que nela atua como solidariedade com Israel e com os povos da terra, Maria irrompe em uma efusão festiva e canta para Deus.

¹ A kenosis de Jesus consistiu no despojar--se de seus legítimos direitos e de suas prerrogativas divinas, assumindo a condição de servo e manifestando-se exteriormente como simples homem. A kenosis de Maria consistiu em deixar-se despojar de seus legítimos direitos como mãe do Messias, parecendo diante de todos uma mulher como as outras. A condição de Filho não poupou Cristo de qualquer humilhação; da mesma forma, a qualidade de Mãe de Deus não poupou a Maria qualquer humilhação. Jesus dizia que a Palavra é o instrumento com que Deus poda e limpa os ramos: "Vós estais limpos, devido à Palavra" (Jo 15,3). E tais foram as palavras que ele dirigiu à sua Mãe. Por acaso, não seria essa Palavra a espada que, conforme Simeão, um dia lhe traspassaria a alma? (CATALAMESSA.R. "Que temos nós com isso mulher", a Kenosis da Mãe de Deus).

² TEMPORELLI, C. M., La expresión de la kénosis en Maria, p. 42.

Em Maria contemplamos uma nova humanidade no olhar de Deus. Trata-se de pautar nossa reflexão no “Olhar de Deus” e descobrir Maria como a expressão de uma nova vida que, como a de Jesus e dos cristãos, também passa pelo movimento kenótico experimentado ao longo de toda a sua existência.

1. Aspecto Místico e Teológico do despojamento: da Kénosis³ em Maria

Os estudos bíblicos e teológicos do século XX colocaram Maria no contexto da história de sua cidade pobre, pequena e desprezada pelas grandes potências. Mesmo tendo gerado o Messias, Maria vive uma existência sem privilégios. Na verdade, a vida da jovem de Nazaré não foi marcada por “grandes acontecimentos”. Ao contrário, foi uma vida simples e dura, no ordinário do cotidiano. Partilhou a situação social humilde da maioria das mães daquele povo, situação que o texto bíblico chama de *tapeinōsis*⁴ (Lc 1,48). Ela é essencialmente a mulher do dia a dia. Para traçar a real personalidade dessa filha de Israel, há que se conhecer um pouco do seu curso cotidiano e de seus trabalhos diários.⁵ Maria durante a sua vida cotidiana, como Mãe do Messias, teve que experimentar a sua kénosis. Catalamessa, na sua pregação na quaresma de 2020, vai dizer que a kénosis de Jesus consistiu no despojar-se de seus legítimos direitos e de suas prerrogativas divinas, assumindo a condição de servo (Fl 2) e manifestando-se exteriormente como um homem simples. Já, a Kénosis de Maria consistiu em deixar-se despojar de seus legítimos direitos como mãe do Messias, parecendo diante de todos uma mulher como tantas outras. A condição de Filho não poupou Cristo de qualquer humilhação; da mesma forma, a qualidade de Mãe de Deus não poupou a Maria qualquer humilhação. Esta kénosis do despojamento⁶, em Maria encontrará seu clímax no Calvário, quando a espada da dor traspassa seu coração. A espada significa a Palavra viva de Deus, que é o próprio Jesus e Maria a Mãe do Messias, foi desafiada pelas palavras e atitudes de seu Filho Jesus, que eram bem diferentes das palavras e atitudes das pessoas do seu tempo. À medida que Jesus vai

³ CATALAMESSA. R. “Que temos nós com isso, mulher”, a kénosis da Mãe de Deus.

⁴ LEXICON. Stron’s, G5014 – *tapeinōsis*.

⁵ BOFF, C., O cotidiano de Maria de Nazaré, p. 10.

⁶ Na caminhada em busca da santidade, o que normalmente acontece depois que uma alma foi preenchida pela graça, depois que generosamente respondeu com o seu “sim” de fé, e corajosamente se dedicou às boas obras e às virtudes? Vem o tempo da purificação e do despojamento. Chega a noite da fé. De fato, veremos que Maria, neste período da sua vida, exatamente nisto serve-nos de guia e modelo: de como nós devemos comportar quando na vida chega “o tempo da poda” (CATALAMESSA. R. “Que temos nós com isso mulher”, a Kenosis da Mãe de Deus).

crescendo, dia a dia, ou quando faz algo novo, Maria sente-se chamada a dar mais um passo na sua fé. Ela vive a experiência originária do seguidor de Jesus.⁷

A condição kenótica de Cristo e, por extensão, a do cântico de Maria, não é mais do que um preâmbulo para a condição glorificada de ambos⁸. Acreditamos que este tópico nos permitirá aprofundar o aspecto místico e teológico do despojamento, neste início do século XXI, que nos desafia a uma ação comprometida com a transformação da sociedade, a partir da kénosis como paradigma da solidariedade e da enculturação.⁹ Para isso, vamos nos aproximar dos textos Fl 2,6-11 e Lc1,46-55). O Magnificat aplica a Maria o esquema da encarnação pascal humilhação-exaltação (Lc 1,48-49), o caminho de Deus já descrito no Antigo Testamento e pelo judaísmo tardio. O mistério de Maria tem como pano de fundo o mistério de seu Filho Jesus.¹⁰ A mãe judia contracenava com seu filho em meio às monótonas e cansativas atividades domésticas de toda mulher pobre, e ela não deixava de pensar em seu filho e em seu destino. Por isso, suas palavras devem ser ouvidas das profundezas da antiga Igreja Palestina, apoiando-se em Jesus, que espera a chegada do seu Reino¹¹. Nesse mesmo lugar onde os fiéis de Jesus descobriram Deus como Pai (princípio de amor do Reino), descobrem também que Jesus se tornou pequeno, assumiu a condição de servo (Fl 2,6-8). Lucia Pedrosa, apresenta-nos “aspectos da teologia mariana que colocam os mistérios da vida de Maria como expressão da lógica encarnatória da graça de Cristo”.¹² Por lógica encarnatória entendemos a lógica *kenótica* de Deus em Fl 2,6-11:

Por este movimento, em Jesus Cristo, Deus se esvazia e humaniza, desce, abaixa-se, entra, submerge em nossa humanidade histórica e culturalmente enraizada. Em Jesus Cristo, Deus faz-se escravo, assume a fragilidade humana para, a partir desse lugar, instaurar dinâmicas de uma vida nova, no Espírito. Na vida de Maria ecoa essa lógica da encarnação, em dois movimentos: sua resposta a Deus é um serviço à encarnação e, ao mesmo tempo, sua própria vida é a expressão da vida nova que Deus oferece ao mundo.¹³

Maria, no canto do Magnificat nos mostra o lugar da vinda do nosso Salvador em dois sentidos. O primeiro deles, pelo seu “sim” à comunidade divina. Com o seu *Fiat* ela torna visível, no meio de nós, Deus-comunidade de amor por

⁷ MURAD, A., Maria Toda de Deus e Tão humana, p. 63.

⁸ TEMPORELLI, C. M., La expresión de la kénosis en Maria, p. 425.

⁹ TEMPORELLI, C. M., La expresión de la kénosis en Maria, p. 425.

¹⁰ BOFF, C., O cotidiano de Maria de Nazaré, p. 11.

¹¹ BOFF, C., O cotidiano de Maria de Nazaré, p. 12-13.

¹² PEDROSA, L. P., Teologia Mariana, p. 478.

¹³ PEDROSA, L. P., Teologia Mariana, p. 476.

intermédio de Jesus Cristo, que é o Filho de Deus e obra criadora do Espírito. O segundo, porque a corporeidade¹⁴ de Maria se torna lugar concreto da visibilidade de Jesus em três dimensões: na dimensão do Espírito que realiza em Maria a promessa messiânica do Antigo Testamento; na dimensão do mistério da encarnação que inicia em Maria os autênticos sinais da revelação do desígnio arcano do Pai (Rm 16,25-27); e, na dimensão da contemplação de Deus como comunidade de amor. Portanto, em Maria, contemplamos uma nova humanidade, ela antecipa para a comunidade a maternidade-paternidade divina já presente nesta Terra, em vista do reino definitivo.¹⁵

2. Maria da Anunciação ao canto do Magnificat: sob o olhar da Virgem em Guadalupe

Maria recebe a missão de participar, de maneira decisiva, no desígnio salvífico divino. O anúncio do nascimento de Jesus, o Filho de Deus, é, ao mesmo tempo, o chamado profético de Maria de ser interlocutora e aliada de Deus, ao dar voz e carne ao mistério oculto até então. Mostra até que ponto um ser humano é capaz de comunhão e diálogo com Deus.¹⁶

A saudação angélica convoca Maria a alegrar-se porque a salvação chegou. A alegria de Deus é completa; Ele mesmo virá para alegrar suas criaturas (Sl 103,31). No Evangelho de Lucas, lê-se que o anjo Gabriel foi enviado a Nazaré, a uma virgem chamada Maria. O anjo não se dirige à Judeia, lugar da promessa, mas à *Galileia dos gentios* (Mt 4,25). Maria é a bem-aventurada, não apenas porque Deus realizou nela grandes coisas (Lc 1,49), mas porque ela acreditou (Lc 1,44). Do lado de Deus, que propõe e intervém miraculosamente (Lc 1, 28.35), do lado da Virgem, que se abre à Sua mensagem e à Sua ação, o acontecimento inaugural da redenção é integralmente puro, integralmente religioso.¹⁷

Aquela a quem Deus dirige Sua mensagem é santa: ela é a *kecharitomene* (Lc 1,28), o objeto de todas as complacências divinas. Seu estado é Santo: Ela é Virgem (Mt 1,18-23; Lc 1,27), a virgindade voluntária e votiva:¹⁸ “como se dará isso se não conheço homem algum?” (Mt 1,34) – a primeira célebre frase de Maria, que denota a personalidade de uma mulher madura que tem um projeto de vida a

¹⁴ BOFF, L., Saber cuidar, p. 142-143.

¹⁵ BOFF, L., Maria na vida do povo, p. 22.

¹⁶ PEDROSA, L. P., Teologia Mariana, p. 484-485.

¹⁷ LAURENTIN, R., Teologia Mariana, p. 127.

¹⁸ LAURENTIN, R., Teologia Mariana p. 128.

realizar. Na períclope da Anunciação do Senhor, Lucas mostra que por duas vezes Maria intervém para saber discernir o que lhe estava sendo proposto como chamado do Senhor (Lc 1,26-48). O evangelista traça a figura de Maria como sendo uma mulher que toma iniciativas diante das propostas de serviço que são feitas, uma mulher que pensa, questiona o que lhe é solicitado, que se indispõe com aquilo que não compreende por si mesma e, acima de tudo, uma mulher que sabe silenciar diante do mistério insondável da Palavra divina.¹⁹

Pela reflexão, a mulher de Nazaré busca penetrar o mistério da revelação divina que a surpreendeu. A perturbação de Maria e o espírito intrigado que ela demonstra são comportamentos próprios de toda pessoa que se dedica ao labor de perscrutar o sentido mais profundo da Palavra a partir da prática concreta na vida humana. Esses comportamentos correspondem à missão que cada mulher e cada homem realizam como serviço em meio ao povo de Deus, com o qual vivem os fatos e acontecimentos da história e partilham momentos altos e baixos do cotidiano existencial.²⁰

Com a Anunciação, ela inicia um longo caminho de peregrinação na fé, ao responder ao apelo de Deus, aceitando a proposta do Senhor com o coração aberto, num grande gesto de generosidade e de fé.²¹ Aqui, a liberdade de Maria não é mera expressão de autonomia e de autoafirmação. Se fosse assim, seria apenas livre-arbítrio, entendido como capacidade de escolha entre várias alternativas.²² Não existe verdadeira liberdade se a pessoa não é livre diante de Deus; assim, em sua autonomia ela assume como seu o desígnio de Deus. Maria de Nazaré respondeu ao mistério de amor com o seu cântico de louvor: “*Fez em mim grandes coisas Aquele que é Poderoso*”.

A cântico de Maria é um hino, um salmo de louvor que a Igreja primitiva coloca em sua boca no momento primordial de sua maternidade. Diante do mistério de Deus que nela acontece, como solidariedade com Israel e com os povos da terra, Maria irrompe em uma efusão festiva e canta para Deus. Suas palavras de oração profundamente pessoais reúnem por um tempo a palavra dos homens e mulheres de sua cidade e o desejo de justiça dos pobres e humilhados da história (Lc 1,46-55).²³

Este hino é paralelo ao de Ana, mãe de Samuel (1Sm 2,1-10). O Antigo Testamento tinha a prática de colocar cânticos na boca de personagens conhecidos, para fazê-los articular sentimentos apropriados de elogio em uma manifestação particular de Deus, por exemplo, o hino de louvor de Jonas (Jn 2,2-9). A canção atribuída a Anna

¹⁹ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 55.

²⁰ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 60.

²¹ MURAD, A., Maria Toda de Deus e Tão humana, p. 54.

²² ST I, q. 83.

²³ TEMPORELLI, C. M., La expresión de la kénosis en Maria, p. 431.

dirige a Deus um louvor poético, em ação de graças pelo presente de um filho a uma mulher estéril; mas o personagem guerreiro de seus últimos versos faz os estudiosos pensarem que aqui eles reivindicaram os serviços de alguns salmos.²⁴ No canto do Magnificat é do olhar de Deus que Maria emerge como pessoa completa. Deus deixa em suas mãos a sua liberdade, deixa que ela se reconheça livre e lhe responda colaborando com Ele na tarefa messiânica do nascimento de seu Filho no mundo.²⁵ Maria canta o programa do Reino e declara guerra ao mal. Canta o combate de Deus na história humana. Canta o projeto de um mundo de relações igualitárias, de justiça e fraternidade. Canta para a liberdade e para a verdade que as condições da história transfiguram. É assim que a inversão da história se torna a “canção da vida”.²⁶

O canto de Maria nomeia Deus de duas maneiras: Senhor ou *Kyrios* e Salvador ou *Soter*. Com o nome de *Senhor*, Maria destaca a grandeza de Deus. Quem viu aquela grandeza encontrou a transcendência absoluta e só pode ter uma palavra: *eu te agradeço!* Eu saio da minha própria pequenez, descubro o meu desamparo e canto a grandeza do verdadeiro “*Kyrios, perante quem há de dobrar todos os joelhos no céu e na terra*” (Fl 2).²⁷ A oração é, antes de tudo, a resposta de Maria à ação de Deus e um elogio a sua prima Isabel. O anjo do Senhor a saudou: “Alegre-se, agraciada” (Lc 1,28). Isabel recebeu-a chamando-a de “bem-aventurada és tu entre as mulheres” (Lc 1,42). Maria respondeu colocando-se nas mãos de Deus, que “dirige os caminhos da história” (Lc 1,38). Agora, assumindo as palavras anteriores, ela se alegra e canta a grandeza de Deus. Alma e espírito aparecem em vez de “eu”: eles são uma expressão de seu significado. Maria disse: “Minha alma proclama a grandeza do Senhor, meu espírito festeja a Deus, meu salvador” (Lc 1, 46-47). Aqui a alma²⁸ é a verdade da pessoa aberta ao que ela deseja; o espírito é dele profundidade, aquele lugar onde Deus se manifesta.²⁹

Porque ele pôs os olhos na humilhação de sua serva. Por isso, a partir de agora todas as gerações me chamarão de bem-aventurada, porque O Poderoso fez

²⁴ TEMPORELLI, C. M., La expresión de la kénosis en Maria, p. 432.

²⁵ TEMPORELLI, C. M., La expresión de la kénosis en Maria, p. 432.

²⁶ TEMPORELLI, C. M., La expresión de la kénosis en Maria, p. 433.

²⁷ TEMPORELLI, C. M., La expresión de la kénosis en Maria, p. 433-434.

²⁸ Beleza da alma. Deus amou primeiro, e nos deu a capacidade de amá-lo. Não nos amou para deixar-nos feios como éramos, mas para mudar-nos e tornar-nos belos. Em que modo seremos belos? Amando a Ele, que é sempre belo. Quanto mais cresce em ti o amor tanto mais cresce a beleza; a caridade é justamente a beleza da alma. (AGOSTINHO DE HIPONA. Comentário à Carta de João, IX, 9).

²⁹ TEMPORELLI, C. M., La expresión de la kénosis en Maria, p. 435.

maravilhas por mim. Santo é o seu nome e sua misericórdia atinge de geração em geração aqueles que o temem (Lc 1,48-50).

Deus se define em primeiro lugar como aquele que olha: ele olha e observa a opressão de seu povo no Egito (Ex 3,7-10); ele olha para Ana, esposa estéril (1Sm 1,11-13); olha e se compadece de Israel que, como uma filha recém-nascida, encontra-se no meio do sangue do próprio nascimento e do caminho (Ez 16,6). Agora se realiza o centro da história de amor mais poderosa dos séculos.³⁰

Maria recorda-se do que Deus realizou nela. A atuação de Deus é expressa duas vezes com o mesmo termo “porque”: ele olhou para mim, ele olhou e fez grandes coisas em mim. Maria afirma que o próprio Deus olhou para ela, que descobriu os olhos de Deus cativados por sua pequenez; e ela sabe que aqueles olhos a exaltam, a revestem de formosura e a transformam. Então, levante a alma e cante.³¹ Olhar misericordioso porque ele percebeu a humilhação (*tapeinōsis*) de Maria, para elevá-la. Um olhar de amor porque contempla sem julgar, sem dominar, sem impor, nem cobrar. Olhar criativo porque a transforma e engrandece. Maria mantém o olhar, e mantendo-o em um gesto de amor e transparência, responde ao mistério de Deus³² (Lc 1,38). “Eis a serva do Senhor”. Como os profetas afirmam: “eis-me aqui Senhor”. Ela é a serva do Senhor e, no *Magnificat*, canta o olhar terno de Deus para com seus pobres, que dispersa os soberbos e exalta os humildes (Lc 1,51). A Virgem espera com os pobres, sem alarde, nem pretensão; aguarda em santidade e justiça (Lc 1,75), preparando-se para a vinda do Messias desejado como a consolação de Israel (Lc 2,25). Maria sobressai-se entre os humildes e pobres do Senhor, que confiantemente esperam e recebem d’Ele a Salvação.³³ Por isso, Maria educa o olhar dos seus filhos para uma empatia maior: com o seu olhar ela recorda que há uma prioridade, todos os pequeninos de Deus.³⁴

É com esse mesmo olhar que a Virgem de Guadalupe olha para o pequeno indiozinho Juan Dieguito,³⁵ nas aparições na colina de *Tepeyac*,³⁶ no México, em 1531.

³⁰ TEMPORELLI, C. M., La expresión de la kénosis en Maria, p. 435-436.

³¹ PIKAZA, X., La Madre de Jesús, p. 59.

³² NAVARRO PUERTO, M., María, la mujer, p. 119.

³³ LG 55.

³⁴ BRUSTOLIN, A. L., Sob o olhar de Guadalupe, p. 97.

³⁵ O uso do nome no diminutivo é uma indicação de carinho que os mexicanos herdaram dos astecas e que até hoje usam para se dirigir a quem querem muito.

³⁶ *Tepeyac* é uma colina localizada ao norte da Cidade do México, parte da serra de Guadalupe, que delimita o Norte para o vale do México. Nele foi localizado um pequeno santuário de *Tanantzin* (deusa-mãe asteca), em uma pequena aldeia que ligava as cidades de Cidade do México a *tenoch-titlán*, através de uma estrada que cruzava o lago Texoco, atual Calzada de los Misterios, que entrava na ilha principal da área de *Tlatelolco*.

Leomar Brustolin relata que Guadalupe marca a experiência de fé cristã latino-americana e que se destaca por fatores impressionantes. É o santuário mariano mais visitado no mundo, que reúne milhões de peregrinos. Lá encontramos exposta a imagem impressa na veste de Juan Diego em 1531, que se mantém intacta e contém mistérios que desafiam a própria ciência. É importante destacar que estamos falando sobre a primeira aparição de Nossa Senhora reconhecida oficialmente pela Igreja. O evento guadalupano permitiu a inculturação da fé cristã em meio ao conflito entre as civilizações asteca³⁷ e espanhola.³⁸ Um choque violento e profundo provocado pelos conquistadores espanhóis dividia os dois povos, tanto nos seus costumes e tradições quanto nas convicções religiosas.³⁹ Com isso, o diálogo tomava-se cada vez mais difícil: de um lado porque a religião indígena era imposta pela força, e de outro lado porque os espanhóis mostravam total desprezo pela vida, matando na guerra, ao passo que os indígenas só faziam prisioneiros para sacrificá-los aos deuses. E isso era considerado escândalo para uns e atrocidades para outros. A consequência disso é que reinava o abuso e o autoritarismo do lado dos vencedores, e a vingança e o ódio, do lado dos vencidos.⁴⁰ Foi nesse contraste religioso e social que interveio a Virgem de Guadalupe: é um evento que faz parte do plano da salvação e atrai os mexicanos para a nova fé.⁴¹ A resposta dos indígenas foi uma explosão de peregrinações, de festas e de conversão à religião da Virgem.

Dom Leomar, no dia primeiro de janeiro de 2020, foi ao México como peregrino, para “ver” a guadalupana. Ao ser convidado para presidir a Celebração Eucarística da Solenidade da Mãe de Deus, junto ao cabido da Basílica, tomou consciência de que foi a

³⁷ Os astecas caracterizam-se como um povo guerreiro e muito religioso. Eram politeístas, com 13 divindades principais e 200 deuses menores. Os mais famosos eram Huitzilopochtli, deus do sol e da guerra, e Quetzacoatl, uma serpente emplumada que diziam aparecer a cada 52 anos. Quetzacoatl era igualmente o nome de um suposto profeta do passado, que os astecas esperavam ardentemente para redimir o povo. Havia a deus Mãe-Terra, denominada Tonantzin, que tinha seu templo na colina de Tepeyac, na margem norte do lago. Acreditavam que o céu e a terra eram deuses que tinham gerado outros deuses: a lua e as estrelas. Mas, segundo suas crenças, uma vez, quando caminhava pelo monte Tepeyac, a terra ficou grávida e concebeu o deus sol. Por isso, diziam que o sol nasce na terra, e não no céu, diferentemente da lua e das estrelas. Os astecas acreditavam que a lua e as estrelas não gostavam do sol, porque ele era um filho do adultério da terra; por isso, diariamente, a lua e as estrelas travavam uma batalha contra o sol, que era vencido no fim de cada dia. Durante a noite, para que o sol refizesse suas forças, os astecas lhe ofereciam sangue e corações de sacrifícios humanos. Assim, fortalecido, o sol poderia nascer a cada manhã. Para garantir a quantidade necessária de sacrifícios humanos, os astecas promoviam as Guerras Floridas, isto é, combatiam com povos vizinhos para capturar os vencidos e sacrificá-los aos deuses (BRUSTOLIN, A. L., Sob o olhar de Guadalupe, p. 15).

³⁸ BRUSTOLIN, A. L., Sob o olhar de Guadalupe, p. 15-16.

³⁹ MACCAGNAN, V. Guadalupe. In: FIORES; MEO, S. Dicionário de Mariologia p. 554.

⁴⁰ MACCAGNAN, V. Guadalupe, p. 554-555.

⁴¹ BRUSTOLIN, A. L., Sob o olhar de Guadalupe, p. 141.

Virgem que o conduziu até lá para ser olhado e se deixar “ser visto” por Ela. Com essa experiência ele entendeu que todo aquele que vai ao encontro da Mãe é precedido por um olhar que o espera. No olhar de Nossa Senhora de Guadalupe encontramos o Deus verdadeiro, por quem tudo vive.⁴² A Senhora do céu apresenta as suas credenciais em Guadalupe. Em língua *náhuatl* ela se declara a Mãe de Deus e dos homens, prometendo socorro, proteção, amor, defesa para os oprimidos, e exige como resposta a fé em sua palavra, ela pede a *Juan Diego* a construção de sua *casita sagrada* para ser um lugar de misericórdia. Ela é a Mãe universal que, com brilhantes imagens, tanto poéticas como doutrinárias, dispõe-se, com ternura materna, a conduzir os fiéis a Deus, fonte de vida.⁴³

3. Em Maria contemplamos: uma nova humanidade

A Palavra provoca em Maria a perturbação teológica,⁴⁴ que deixa seu espírito intrigado com o mistério que tal palavra carrega consigo. Esse processo de discernimento desencadeia o desvelamento do mistério da atuação de Deus no meio de seu Povo e na vida de cada um que Nele crê. Partindo da realidade concreta, essa é a missão da mulher teóloga e do homem teólogo: perguntar sobre o sentido profundo da mensagem que a vida, os fatos e a história humana dão ao Deus Comunidade, que vem a se revelar a seu Povo por intermédio do homem e da mulher.⁴⁵ Nossa intenção é apresentar Maria como expressão de uma nova vida que, como a de Jesus e dos cristãos, também passa pelo movimento kenótico experimentado ao longo de toda a sua existência.⁴⁶ Essas são as características primordiais da ação salvadora de Deus que Maria proclamou. Suas palavras são teologia profunda. Elas revelam o mistério de Deus como liberdade livre. São palavras do ser humano criativo, no qual a utopia da nova terra começa a se realizar. E canta para o Deus de uma nova humanidade reconciliada, que nela começa.⁴⁷

O fato é que Maria, transbordando de alegria, levanta uma canção que revela a chegada de uma nova humanidade, que vive na transparência, sem arrogância, sem imposições, sem marginalização. Maria descobriu o caminho de Jesus, e com Jesus proclama a verdade escatológica da humanidade; ela tem certeza de que o

⁴² BRUSTOLIN, A. L., Sob o olhar de Guadalupe, p. 9.

⁴³ MACCAGNAN, V. Guadalupe, p. 555-556.

⁴⁴ Para os antigos gregos a palavra TEO-logia significava louvor a Deus, render ao Deus verdadeiro o louvor mais perfeito.

⁴⁵ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 61.

⁴⁶ TEMPORELLI, C. M., La expresión de la kénosis en Maria, p. 446-447.

⁴⁷ TEMPORELLI, C. M., La expresión de la kénosis en Maria, p. 447.

Reino de Deus começou a acontecer. Por isso canta, e o ponto culminante de seu canto pertence ao Reino de Deus.⁴⁸

O caminho de adesão e colaboração de Maria com o plano salvífico de Deus é iniciado por ela na Anunciação e tem o seu ponto culminante em Pentecostes. Sua presença e participação solidária com a comunidade cristã que nascia é o sinal de sua entrega perseverante ao plano amoroso de Deus Uno e Trino, revelado e totalmente realizado em seu Filho Jesus Cristo. Sendo assim, o caminho percorrido por Maria, da Anunciação até Pentecostes, é um caminho pedagógico para a verdadeira experiência do Deus Uno e Trino.⁴⁹

A reflexão teológica contemporânea concentra-se na Mãe de Jesus, que também era sua discípula. Em parceria e fidelidade à ação do Espírito Santo, seu envolvimento pessoal no nascimento do Messias e sua fé duradoura em Deus ligam-na intimamente ao mistério da salvação do mundo⁵⁰. Maria é a mulher que fez a experiência única da consolação de Deus para estabelecer a Nova Aliança.⁵¹ Ela, de maneira singular e excepcional, fez a experiência da misericórdia, e também, de maneira única, tornou possível, com o sacrifício de seu coração, a própria participação da misericórdia divina.⁵²

Conclusão

O “sim” de Maria não foi descontextualizado e não nega a sua realidade histórica, pois acontece em seu cotidiano em Nazaré. Isso demonstra a realidade do Mistério da encarnação em Maria, mulher que experimentou o Mistério da encarnação de Deus, Aquele que vem sob o chão da vida cotidiana. Mulher que viveu a fé autêntica, que transfigura a vida e traz um novo sentido para sua história, sempre confrontando em seu coração o mistério que se dava em seu ventre materno. Compreender o canto de Maria e sua mensagem da Nova Humanidade desde a kénosis de Jesus leva-nos a intuir essa dimensão como essencial para a transformação da história, pois toca os critérios da missão e afeta as decisões cotidianas.⁵³ Deus fez-se presente na vida de Maria, e iluminada pela luz de seu olhar ela é sustentada pelo calor de Sua Presença.

Como nos fala Leomar Brustolin, no Santuário de Guadalupe, no México, milhares de peregrinos passam pelo seu olhar diariamente, visitam a *Morenita*,⁵⁴ mesmo que seja

⁴⁸ TEMPORELLI, C. M., La expresión de la kénosis en Maria, p. 447-448.

⁴⁹ BUCKER, B., et al., Maria e a Trindade, p. 115.

⁵⁰ COYLE, K., Maria tão plena de Deus e tão nossa, p. 208.

⁵¹ BRUSTOLIN, A. L., Eis tu Mãe, p. 77.

⁵² RM 24.

⁵³ TEMPORELLI, C. M., La expresión de la kénosis en Maria, p. 424-449.

⁵⁴ Ela realizou a síntese da fé cristã com a cosmovisão asteca, chamada também mexica. A indianita incorporou plenamente a metodologia da cultura asteca condensada no difrasismo “Flor e canto” (in

apenas para expressar os seus lamentos e curar todas as suas dores e sofrimentos. Neste lugar acontece a mais bela *troca de olhares*: os peregrinos dirigem o seu olhar para a imagem sagrada, e ela, terna, humilde e ao mesmo tempo vigorosa, tem todos eles sob o seu olhar.⁵⁵

*Olhar-Te simplesmente, Mãe,
deixando aberto só o olhar.
Olhar-Te de cima a baixo,
Sem Te dizer nada,
e dizer-Te tudo,
mudo e reverente.*

*Não turbar o vento da tua frente,
só abrigar a minha solidão violada
nos teus olhos de Mãe enamorada
e no teu ninho de terra transparente. [...]*

*Olhar-Te, Mãe;
Contemplar-Te apenas,
O coração silencioso na tua ternura,
No teu casto silêncio de açucenas.⁵⁶*

Referências bibliográficas

AGOSTINHO DE HIPONA. **Comentário ao Evangelho e ao Apocalipse de São João**. Tomo I. São Paulo: Cultor de Livros, 2017.

BOFF, C. **O cotidiano de Maria de Nazaré**. São Paulo: Salesiana, 2009.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

xóchitl in cuícatl). A maríofania de Tepeyac sintetizou perfeitamente a visão da cultura indígena. Assim, com a Senhora de Guadalupe os índios se indentificaram, e os espanhóis, por sua parte, não se chocaram. E tudo isso Maria operou, não por meio do doutrinamento abstrato, mas de uma imagem concreta, a do avental de Juan Diego. BOFF, C., *Mariologia Social*, p. 240-241.

⁵⁵ BRUSTOLIN, A. L., *Sob o Olhar de Guadalupe*, p. 103.

⁵⁶ Antigo Hino litúrgico recitado pelo Papa Francisco em sua homilia na Celebração Eucarística na Basílica de Guadalupe no dia 13 de fevereiro de 2016 (BRUSTOLIN, A. L., *Sob o olhar de Guadalupe*, p. 146).

BOFF, L. **Maria na vida do povo**: ensaios de mariologia na ótica latino-americana e caribenha. São Paulo: Paulus, 2001.

BOFF, L. **Como tudo começou com Maria de Nazaré**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

BRUSTOLIN, A. L. **Eis tua mãe**. São Paulo: Paulinas, 2017.

BRUSTOLIN, A. L. **Sob o Olhar de Guadalupe**: Sinais do céu sobre a terra, São Paulo: Paulus, 2020.

BUCKER, B. et al. **Maria e a Trindade**. São Paulo: Paulus, 2008.

CATAMESSA, R. “**Que temos nós com isso mulher, a Kénosis da Mãe de Deus**”. Vatican News 20 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-03/segunda-pregacao-quaresma-2020-raniero-cantalamessa.html>> Acesso em: 27 de set. 2022.

CELAM. **Conclusões da Conferência de Puebla**. Evangelização no futuro e no presente da América Latina. São Paulo: Loyola, 1979.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição dogmática *Lumen Gentium*** sobre a Igreja. Petrópolis: Vozes, 1999.

COYLE, K. **Maria tão plena de Deus e tão nossa**. São Paulo: Paulus, 2012.

JOÃO PAULO II, PP. Carta Encíclica *Redemptoris Mater* sobre a bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. São Paulo: Loyola, 1979.

LAURENTIN, R. **Teologia Mariana**. Petrópolis: Vozes, 1965.

LEXICON: Stron's G5014 – tapeinōsis, 2011. Disponível em: <<https://www.bibleletter.org/lexicon/g5014/kjv/tr/0-1/>>. Acesso em: 24 de maio 2022.

MACCAGNAN, V. Guadalupe. In: FIORES, S.; MEO, S. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

MURAD, A. **Maria Toda de Deus e Tão humana**. Compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas, 2012.

NAVARRO PUERTO, M. **María, la mujer**: ensayo psicológico-bíblico. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1987.

PEDROSA, P. L. Teologia Mariana: Contribuições para a reflexão sobre a humanização de Deus. **Atualidade Teológica**, v.21, n.57, p. 476-494, set./dez. 2017.

PIKAZA, X. **La madre de Jesús**. Introducción a la Mariología. Salamanca: Ed. Sígueme, 1990.

TEMPORELLI, M. C. La expresión de la kénosis en Maria. **Atualidade Teológica**, v.22, n.59, p. 424-449, mai./ago. 2018.

TOMAS DE AQUINO. **Suma Teológica**: sobre a *electio* como ato próprio do livre-arbítrio I seção da III parte, q. 83, a. 3 e III, q. a. 4: sobre Cristo como possuidor do livre-arbítrio. São Paulo: Loyola, 2004.

Márcia Terezinha Cesar Miné Geraldo

Doutoranda em Teologia Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: marciamine@uol.com.br

Recebido:16/05/22

Aprovado:19/12/22